



Editorial

No dia 3 de abril passado faleceu em Turim, aos 75 anos, Romano Alquati, escritor, ativista e intelectual italiano que foi um dos expoentes do pensamento operaísta e dos estudos sobre subjetividade e composição de classe. Tendo feito parte da redação dos *Quaderni Rossi*, revista teórica dos meios da esquerda socialista e sindical criada por Raniero Panzieri, Romano Alquati foi, junto com Mario Tronti e Toni Negri, um dos pioneiros do operaísmo a defender uma nova abordagem da classe operária – bastante inovadora em relação ao velho movimento operário – a partir da qual foi sendo elaborado o método da *Conricerca*, implementado no início da década de 60 na fábrica da Fiat em Mirafiori, bem como outras fábricas da região do Piemonte, como as plantas da Olivetti e da Lancia. A *Conricerca* conjugava a pesquisa com a participação ativa por parte do pesquisador, favorecendo, além disto, a co-transformação recíproca entre os pesquisadores e os operários estudados. Após as lutas do maio de 68, com a sociedade italiana em transformação, Romano Alquati foi se aproximando da universidade com o intuito de estender sua pesquisa ao proletariado intelectual e buscar novos instrumentos de análise sobre a questão do trabalho e da industrialização. Prosseguiu em sua atividade de docente militante na ‘universidade de massa’, cujo propósito era a produção massificada de uma consciência crítica. Apesar das rupturas e dos diferentes encaminhamentos dos movimentos e dos conflitos, as novas figuras da classe trabalhadora, não mais concentradas nas grandes fábricas e cada vez mais distribuídas de maneira difusa nos territórios – com o conceito de trabalho produtivo passando a ter maior extensão – nunca deixaram de ter no horizonte a possibilidade de construção de um comunismo, da constituição do comum, da busca da liberdade.

Esta edição da Lugar Comum, além de render homenagem a Romano Alquati e ao movimento operaísta, traz um conjunto de artigos e reflexões que permitem estabelecer conexões entre as lutas e movimentos dos anos 70 com as lutas e movimentos contemporâneos – um devir Mundo-Brasil que tem ressonância nos governos, na política e nos movimentos.

Jean Tible abre, no texto *Lutas cosmopolíticas: Marx e América Indígena (Yanomami)* um diálogo entre uma leitura de Marx e certas lutas dos yanomami, que são designadas cosmopolíticas por levarem em conta a problematização do grande divisor natureza/cultura.

O *Manifesto Político Cosmopolita Antropofágico* de Carlos Enrique Ruiz Ferreira propõe uma cosmogonia aplicada à política, um cosmopolitismo subversivo em que as muralhas são derrubadas para dar lugar ao âmbito político transnacional da antropofagia oswaldiana; enquanto os imigrantes são os usurpadores da moral positivista, os cosmopolitas antropofágicos são amigos dos imigrantes e inimigos das polícias migratórias e dos passaportes.

Da Argentina, o Colectivo Situaciones discute em *Conversações no Impasse: dilemas políticos do presente* a política na contemporaneidade, analisando os deslocamentos e as novas subjetividades produzidas pelos movimentos sociais na América Latina a partir da década de 1990, destacando a necessidade de se criar um novo léxico que contribua para a ação política em um período marcado pela incerteza e que desafia as novas formas de luta.

Enzo Del Bufalo descreve no artigo *Figuras de subjetividade e governabilidade na América Latina* como as dificuldades de governança ou governabilidade estiveram tradicionalmente associadas a uma debilidade institucional que reflete a heterogeneidade social sobre a qual se foram montados os distintos projetos de Estado nacional na região, para chegar à análise da natureza da governança que tem sido implementado na Venezuela no âmbito do processo revolucionário bolivariano.

Em *A Justiça em Termos de Luta*, Fabrício Toledo tece um paralelo entre o refúgio concedido ao ex-ativista italiano Cesare Battisti (com toda a polêmica e violenta campanha da imprensa conservadora contra a decisão do Ministério da Justiça brasileiro) e a atuação do Estado brasileiro em relação aos congolezes que buscam refúgio no país para fugir da violência na República Democrática do Congo, argumentando que, nos dois casos, a busca de segurança, liberdade e riqueza se confunde com a luta por democracia e justiça aqui mesmo, no Brasil.

Alexandre do Nascimento coloca em relevo em *Os Cursos Pré-Vestibulares para Negros e as Políticas de Cotas nas Instituições de Ensino Superior no Brasil* o tema das lutas históricas por igualdade e democracia, em que movimentos como os Pré-vestibulares Para Negros e o Movimento Social Negro no Brasil são protagonistas e importantes agentes políticos para que a diversidade étnico-racial possa efetivamente se constituir nas instituições de ensino superior, deixando de ser uma retórica que encobre uma ainda presente discriminação de cor.

O Projeto Editorial Turbulence realiza no texto coletivo *Vivendo no Limbo?* uma análise das recentes crises econômicas mundiais, defendendo a tese de que vivemos uma situação pouco definida em que os discursos e práticas formulados pelo capitalismo ao longo das últimas três décadas perderam sua eficácia. O desafio hoje é inaugurar um ciclo de múltiplas lutas em que um novo território possa ser construído, levando em conta, por exemplo, a criação e expansão de “recursos em comum”, a valorização da vida e de novas subjetividades, mantendo aberto o processo constituinte que permitirá a constituição de um mundo pós-neoliberal.

Biopolítica e teatro contemporâneo, de José da Costa, convida a uma reflexão sobre as possibilidades de resistência, de produção de vias alternativas que escapem à rede do poder e que possam promover a emergência de forças de contra-poder (melhor entendidas como forças de potencialização da vida). O autor aponta que o teatro, como também outras expressões artísticas, pode ser um espaço fundamental para se estabelecer problematizações, interrogações a respeito do que aparece como elemento comum a todos os que supostamente integram uma comunidade, e um potente instrumento político que faça emergir modos de subjetivação desestabilizadores das identificações hegemônicas, das formas de sujeição e esquadrinhamento por parte do biopoder e da sociedade de controle.

Ricardo Basbaum apresenta suas considerações e reflexões sobre a produção da obra de arte enquanto processo virótico, deflagrador de uma dinâmica coletiva de contato e contaminação, expressa pela partícula do “vírus de grupo” no texto *Em torno do ‘vírus de grupo’*. *Seminário Guattari não cessa de proliferar*.

O artigo de Mariana Patrício *A linguagem como criação de saídas* coloca em diálogo as reflexões do filósofo Walter Benjamin acerca do potencial criativo da linguagem com algumas reflexões contemporâneas que diagnosticam uma situação claustrofóbica de reprodução vazia de valores e sentidos, permeadas por um desejo de segurança. A autora propõe pensar novas formas de lançar-se ao risco unindo literatura, pensamento e política.

Gerardo Silva vai problematizar em *Entre a representação e a revelação*. *Kevin Lynch e a construção da imagem (do nomadismo) da cidade* a questão da imagem da cidade a partir da obra do urbanista Kevin Lynch. São levantados alguns problemas gerais relativos ao vínculo entre imagem e representação, buscando-se outras possibilidades expressivas para a questão da construção da imagem da cidade através do diálogo com outros autores (Deleuze e Guattari, De Certeau) e de inflexões contidas na própria obra.



E, fechando a edição, Marta Peres reflete no texto *Play-ground x Workout. Devaneios nefelibáticos sob o céu de Copacabana* como o jogo, no sentido de brincadeira, brinquedo, play-ground está perdendo lugar nos espaços e nas políticas públicas para atividades em que a profissionalização, a propaganda e o lucro têm preponderância e passam a justificar uma série de medidas repressoras aos que resistem à sua implantação. No jogo, as regras, o apito do juiz e a punição podem acabar abafando a ideia do ‘brincar’ (*play*), evidenciando atitudes antagônicas ante a vida e conflitos de interesse em outras arenas na cidade que sediará a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos.

Os editores